



Críticas de Teatro

Um teatro de cidades imaginárias

XXXI FITEI

Hamelin

★★★★☆

De Juan Mayorga

Pelos Artistas Unidos

Teatro do Campo Alegre, 01/06, 21h30

Contos em viagem - Cabo Verde

★★★★☆

Pelo Teatro Meridional

Teatro do Bolhão, dia 04/06, às 21h30

Ensaio

★★★★☆

De Victor Hugo Pontes

Teatro Latino, dia 06/06, às 18h00

Para o público cinéfilo, a encenação de Hamelin, com narrador e espaço vazio, fará lembrar as fábulas de *Dogville* e *Manderlay*, os filmes de Lars Von Trier inspirados em materiais brechtianos, alinhando Juan Mayorga e Jorge Silva Melo na fileira dos actuais discípulos do dramaturgo alemão.

Nascido na Baviera mas mudando mais frequentemente de país do que de sapatos, muitas vezes Brecht localizou as suas histórias exemplares em lugares fictícios, mais verdadeiros que os reais, fazendo uso do poder de sugestão de actores

desempenhado acções concretas em sítios utópicos. É um teatro da contradição e da não-redundância, que trabalha para provocar o espectador e activar a imaginação, a partir do que acontece no aqui e agora e não só do que se representa ter acontecido alhures.

Por isso, a apresentação dessas fábulas envolve efectivamente as plateias, e mais ainda se for ao vivo e feita como tal.

Se esta actualidade do jogo teatral serve para ajudar a distinguir o teatro vivo do outro, então vários momentos do FITEI deste ano foram revigorantes. No primeiro fim-de-semana, para além da apresentação mais real que o real de *Hamelin*, a irredutível Luísa Cruz fez pouco de qualquer neurose remanescente no texto de Lars Noren, latinizando quanto pôde, e bem, os dilemas das personagens de *A Ronda Nocturna*. Afinal, trata-se de um festival de teatro de expressão ibérica.

De segunda a sexta, o FITEI foi na prática um festival de monólogos: *Corpos Disidentes*, Antonia San Juan, Carla Galvão, os *Assédio*, o *Ensaio*, *4.48 Psicose* - todos estes espectáculos são feitos à base de solilóquios, uns mais ricos que outros.

No fim-de-semana, para compensar, o FITEI regressou à



Juan Mayorga, através das *Últimas Palavras do Gorila Albino*, novamente pelos Artistas Unidos, e encerrou com a *Orestéia* do Foliás (que segue para as extensões do festival em Lisboa e Coimbra), isto para além de alguns espectáculos de rua, os mais festivos, certamente. Sobre estes não falei, uns por não ter visto, o do Foliás por ser eu próprio colaborador pontual da companhia paulistana. Já sobre os quase-monólogos, posso. E destes, aquele que mais desperta a imaginação ao mesmo tempo que deixa os espectadores pregados às

cadeiras (mas sem pregar olho), é a invenção da lusofonia futura, pelo Meridional, na viagem a Cabo Verde.

Pregados é como quem diz, porque tanto a música como o corpo como as línguas de *Contos em Viagem* agitam e desassossegam as almas. Em todos os outros, porém, os corpos estão disciplinados e higienizados, trancados em limitações auto-impostas, constituindo encenações bem-comportadinhas, que não fazem uso (deliberadamente, bem sei) de toda a largura, comprimento e altura do palco, nem tão-pouco da duração

A música, o corpo e a língua de *Contos em Viagem* agitam e desassossegam as almas

da função, tendo como resultado mais a representação de textos do que a apresentação de acções ou o jogo de sugestão das palavras.

4.48 Psicose, do Nut Teatro, ainda faz uso disso como metáfora da condição de enclausuramento terminal da personagem única (e suas projecções), em *looping* discursivo sobre si mesma numa circunstância de consultório psiquiátrico de uma Londres imaginária. Mas acaba por ser a falsa conferência *Ensaio*, ao assumir a reprodução de textos (de Susan Sontag), o outro espectáculo que fica na retina, com a sua lenta profusão de imagens e o indizível pressentimento de que somos cúmplices de vários crimes históricos.

Ainda assim, a plateia parece arrefecida. Fica-se a imaginar uma cidade, como aquelas de Brecht e Mayorga, em que haja mais interferência em palco, mais confusão, mais gente.

Jorge Loureiro Figueira